



# VIBRA

A REVISTA DO VITAL BRAZIL  
ano 2 / nº 5 / 2º trimestre letivo de 2018

Alunos do 6º ano D em  
aula de Educação Física.



# Mergulho profundo

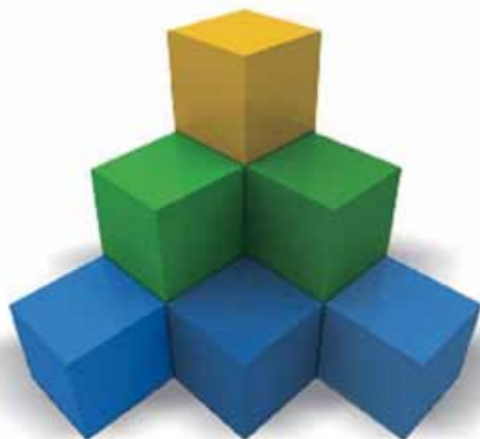
Suely Nercessian Corradini, diretora do Vital, fala sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da Educação Infantil e do Fundamental.

## O que o Vital tem feito para atender às determinações da BNCC?

Em uma palavra, estudo. Muito estudo. Desde a homologação da Base, em dezembro de 2017, organizamos nossa equipe em grupos de estudo para analisar o documento, que é bastante extenso e complexo, em etapas. Nosso foco inicial foi a Educação Infantil e o 1º ano. Buscamos entender o que a Base determina para esse período como um todo; em seguida, dividimo-nos em subgrupos dedicados a cada ano. Agora, em agosto, direcionamos o foco para o Fundamental, do 2º ao 9º ano. Se tudo der certo, teremos nossa proposta de Educação Infantil alinhada à Base já no ano que vem; a do Fundamental, em 2020, que é o prazo dado pelo Governo Federal.

## Quais as principais mudanças que as famílias poderão esperar?

Na prática, o que a Base exige nós já oferecemos – e vamos muito além. Comparamos nosso planejamento com a Base, cotejando minuciosamente as habilidades e competências que ambos os documentos trabalhavam. Em sua maior parte, as poucas diferenças dizem respeito a questões de nomenclatura ou à série em que algum objetivo deve ser atingido. No mais, faremos esses ajustes e ainda manteremos os componentes que não são pedidos pela Base, como Educação Psicomotora, Orientação Alimentar, Higiene e Recreação, Música, Informática e Xadrez.



## Algum grande desafio?

O maior desafio talvez seja compatibilizar os objetivos em termos de faixa etária, para que não haja lacuna na formação de nenhum aluno. Há casos de inversão de conteúdos, por exemplo, em que um conteúdo de 5º ano passa a ser de 6º, e vice-versa. Se não tomássemos cuidado, um aluno receberia o mesmo conteúdo duas vezes e perderia outro. O certo seria a aplicação gradativa da Base, ajustando-se os programas de cada série, uma série por ano, mas, seja como for, estamos preparados para atender ao que manda a lei.

## Para além de cumprir a lei, há benefícios trazidos pela Base?

Em termos de nação, o mais importante benefício da Base é o movimento no sentido da equidade na oferta de uma educação de qualidade. Mas há um outro ganho de fundo em todo esse trabalho, mesmo para escolas cujo ensino já é forte. A BNCC é fruto de um debate que vem de longe, sobre como garantir que a atuação das escolas

tenha significado. Estudar esse material, participar de palestras e seminários e discutir com outros educadores são oportunidades de refletirmos sobre nosso próprio trabalho com um alto nível de detalhe; um mergulho profundo, que previne que entremos no piloto automático. Toda vez que você para e revê o que faz, você tem ganhos qualitativos. Você envolve a equipe de uma forma que todos passam a estudar mais, a perceber outras demandas e novas oportunidades de evolução.

# Como potencializar o aprendizado do inglês?

- 1 Retome os conteúdos aprendidos em sala de aula.** Revisar a aula no mesmo dia ou no dia seguinte é recomendação frequente de educadores, com razão: torna o aprendizado de qualquer assunto mais fácil e eficaz.
- 2 Leia textos variados, mas saiba escolher.** Procure variar os gêneros de leitura – contos, novelas, quadrinhos, etc. –, mas escolha com base no que lhe interessa e de acordo com seu nível de conhecimento do idioma e faixa etária, para se manter motivado.
- 3 Se não conhece, anote.** Ao encontrar palavras ou expressões desconhecidas, anote-as para buscar o significado e a pronúncia depois. Vale prestar atenção em tudo que estiver grafado em inglês ao seu redor: nomes de produtos, lojas, publicidade, etc.
- 4 Assista a filmes e séries com áudio original.** Para aumento de vocabulário, aprimoramento de pronúncia e prática de *listening* de forma contextualizada e divertida. Alunos a partir do nível intermediário já podem usar legendas em inglês também.
- 5 Ouça – e cante – músicas em inglês.** Prazeroso e eficiente, cantar aprimora a pronúncia e a entonação. Mas estude as letras para saber o que está cantando; é muito importante.
- 6 Aprenda jogando.** Seja sozinho (por computador, *videogames*, aplicativos, etc.), seja com família e amigos (jogos de tabuleiro, p. ex.), jogos em inglês unem aprendizagem e entretenimento.
- 7 Use o mundo digital a seu favor.** Existem muitos *sites* e aplicativos criados especialmente para estudantes aprimorarem suas habilidades linguísticas. Uma busca rápida e você encontra vários.
- 8 Pratique o idioma em situações reais.** Aproveite todas as oportunidades de falar e escrever em inglês: viagens, cursos no exterior, diálogos com falantes nativos ou aprendizes, presencialmente ou *on-line*, etc. Além do conhecimento linguístico, isso amplia sua visão de mundo e de outras culturas.

Pela equipe do Departamento de Inglês do Vital Brazil.



# O conhecimento toma corpo

Como a Psicomotricidade qualifica o processo de ensino e aprendizagem nos primeiros anos de vida escolar.



Aluna do Pré II desenhando números com o dedo na areia e com o lápis no papel: primeiros passos para a escrita em letra cursiva, no 2º ano.



**À primeira vista, parece pouco desafiador.** Imagine a cena: uma sala de aula do 2º ano do Ensino Fundamental; a professora dita algumas frases e as escreve na lousa; os alunos as copiam em seus cadernos. Parece simples, não? No entanto, considere o que cada aluno tem de fazer para executar a tarefa com qualidade.

Manter-se sentado na cadeira, o corpo em equilíbrio. Segurar o lápis da forma correta e exercer a pressão exata no papel, nem tão forte que possa rasgá-lo, nem tão fraca que não possa riscar. Deslizar a mão da esquerda para a direita em bom ritmo, girando o punho no sentido horário ou anti-horário, ou em movimentos que exijam a combinação de ambos; desenhando letras ora grandes, ora pequenas, mas sempre dentro dos limites impostos pelas linhas do caderno. Coordenar o trabalho de braço e mão com movimentos da cabeça, que se ergue para a lousa e se abaixa para o caderno. Isso para ficar só na parte motora da tarefa. Ainda é preciso controlar a vontade de fazer qualquer outra coisa e se concentrar na professora. Ouvir e compreender o que ela diz.

O que parece simples é, na verdade, um procedimento que requer da criança várias habilidades combinadas e apenas recém-adquiridas. E, quanto mais claramente a professora perceber todos os elementos envolvidos no processo, melhor fará seu papel de mediadora da aprendizagem.

É por isso que a Educação Infantil e o Fundamental do Vital contam com um apoio especializado do professor Carlos Rossi. Além de dar aulas de Educação Psicomotora do Maternal ao 1º ano, Carlos tem ministrado *workshops* à equipe de professoras regentes e produzido materiais didáticos para ajudá-las a conduzir suas aulas com olhar atento ao desenvolvimento psicomotor dos alunos – em especial no que se refere à grafomotricidade, o conjunto das funções necessárias à escrita.

Como explica o professor, a Psicomotricidade visa ao desenvolvimento dos campos motor, emocional e cognitivo de forma equilibrada. Não são campos independentes, enfatiza: “O ser humano não é fragmentado; foi-se a época em que se acreditava que a cabeça faz uma coisa e o corpo outra”. Em outras palavras, se um aspecto não for adequadamente estimulado, o outro pode sair prejudicado. Por outro lado, se bem planejada e conduzida, uma brincadeira entre colegas terá efeito em seu rendimento acadêmico – por exemplo, na aquisição da escrita –, bem como em sua autoestima e sociabilidade. O que Carlos tem feito é prover as professoras do Maternal ao 3º ano de fundamentos teóricos e instrumentos, para torná-las mais eficazes em observar e promover, em cada aluno, o equilíbrio esperado.

## O corpo aprende

“É um trabalho muito importante, porque a criança de hoje tem outro tipo de brincar”, diz Káthia Kobal, coordenadora pedagógica da Educação Infantil e do Fundamental I. Segundo Káthia, o “brincar” de gerações anteriores – no quintal, na rua – promovia maior interação entre a criança, o meio e os amigos, integrando habilidades motoras, cognitivas e socioemocionais. Hoje, fatores culturais e sociais levam as crianças a passar mais tempo interagindo com aparelhos eletrônicos – o que, em geral, não é tão rico quanto as brincadeiras tradicionais. Até porque, como nota Carlos, o corpo está menos envolvido.

“O corpo é ferramenta de aprendizagem”, diz o professor, explicando que, nos primeiros anos, todo conhecimento adquirido é fruto de um processo concreto, vivenciado. É entrando numa caixa, por exemplo, que uma criança aprende o que é “dentro” e “fora”. É pulando corda que ela aprende “em cima” e “embaixo”. Ao ensinar os números, mostrar um oito para a criança

é pouco; é importante fazê-la caminhar por um percurso em forma de 8, para que internalize o que desenhara na areia com os dedos ou no caderno com o lápis.

Da mesma forma, é por meio de vivências corporais diversas ao longo da Educação Infantil que a criança adquire o equilíbrio, a dominância lateral (a definição se é destra ou canhota), o controle de sua força, a direcionalidade de movimentos, o ritmo, as habilidades de praxia fina e todas as demais que, mais tarde, ao concluir o 2º ano, utilizará durante o ditado de sua professora. É ao final desta série que se espera que o aluno tenha consolidada a escrita em letra cursiva. E, se as aulas de Educação Psicomotora cumprem papel fundamental na promoção dessas habilidades, as outras aulas não ficam atrás.

É o que conta a professora Ana Paula Martins, do Pré II: “Em uma atividade de recorte, uma aluna ficava trocando a tesoura entre as mãos esquerda e direita. Ela não tinha qualidade de movimentos, já que não aprimorava nenhuma das duas”. Ana Paula soube identificar o problema e intervir. “Passei a me aproximar dela e a ques-

tioná-la: ‘Que mão você vai usar? Você está se sentindo bem com essa? Com qual das duas você acha que o recorte fica melhor?’”. Ao chamar a atenção da aluna para o que esta fazia com as mãos irrefletidamente, a professora a fez agir com intencionalidade, ajudando-a a consolidar aquela habilidade em seu repertório motor e cognitivo. É essa tomada de consciência sobre os próprios movimentos que torna a criança capaz de atos voluntários, aqueles para os quais ela precisa elaborar previamente uma representação mental do que vai fazer (e que, mais à frente, pela repetição, se tornam automáticos).

Além disso, as professoras contam com um portfólio de fichas de atividades que o professor Carlos produziu para treinar as habilidades grafomotoras dos alunos, com exercícios como “passar o lápis com força sobre a linha tracejada” ou “fazer movimentos circulares para o lado esquerdo”. Um material adaptável, com fichas avulsas, que as professoras, agora capacitadas pelo olhar da Psicomotricidade, saberão atribuir a cada aluno de acordo com sua necessidade.

- 1 Os primeiros aprendizados são fruto de vivências concretas; é pela consciência do corpo que a criança adquire habilidades motoras, emocionais e cognitivas de forma equilibrada.
- 2 Hoje, o brincar envolve pouca interação da criança com o meio e com os amigos. Isso traz desafios para a aquisição de habilidades como a escrita em letra cursiva.
- 3 Especialista em Psicomotricidade, o professor Carlos Rossi tem capacitado as professoras do Maternal ao 3º ano para promoverem atividades que desenvolvam a praxia fina.

# Desfazendo mitos

Segundo os próprios alunos, a transição do 5º para o 6º ano é mais simples do que se pensa.

**Luana Ramirez já passou por isso. Aluna do 6º ano C,** há um ano ela sentia a mesma apreensão que muitos alunos de 5º ano sentem às vésperas do Fundamental II, em relação à complexidade dos conteúdos e ao nível de exigência de seus futuros professores. Não ajudava que, de vez em quando, alguns alunos mais velhos comentassem como seria bravo este ou aquele professor da nova fase. Hoje, porém, Luana apenas sorri da lembrança. E, para qualquer um que tenha o mesmo receio que ela já teve, a jovem sabe o que dizer. “Eu diria para ele ficar calmo; os professores não são como ele pensa. Eles ajudam bastante você a se adaptar, organizar horários, estudar”, diz Luana.

Aluno do 6º ano D, Mateus Costa é outro que já viveu – e superou – a ansiedade do Fundamental II. Assim como Luana, Mateus garante que se adaptar ao 6º ano é mais simples do que parece. “Você tem que ter um pouco mais de autonomia, mas não é muuuito mais assim, não é tão diferente quanto falam. Se estudar um pouco todo dia, você acaba se acostumando”.

A tranquilidade de Luana e de Mateus é, em parte, fruto de ações que o Vital promove para tornar a transição entre as duas etapas do Ensino Fundamental uma experiência sem sobressaltos. Ações como a palestra do coordenador do Fundamental II aos 5ºs anos, na qual ele responde às dúvidas dos alunos e se compromete a dar



Mateus Costa, aluno do 6º ano D.

todo o apoio necessário. Ou como algumas aulas que o 5º ano recebe de professores do Fundamental II e Ensino Médio, para que sintam a diferença de dinâmica de uma aula com um professor especialista. “Neste ano, eles já tiveram aula de Astronomia com o [professor de Física] Marcelo Barão e sobre fósseis com a paleontóloga convidada Carla Abranches”, diz Rosângela Ferneda, coordenadora assistente do Fundamental II. “É uma forma de acostamá-los a ouvir profissionais de formação científica aprofundada e vocabulário mais técnico”. Isso sem contar as diversas mudanças graduais no material e na rotina escolar que acontecem desde o 4º ano (*v. quadro*).

Mas Luana e Mateus estão tranquilos também por mérito próprio. Afinal, se, por um lado, não há nenhum “bicho-papão” no Fundamental II, por outro, não há nenhum grande segredo para lidar com os novos desafios, dependendo de cada aluno apenas um pouco mais de concentração na aula, um pouco mais de organização nos estudos, um pouco mais de autonomia.

## Em cada desafio, a solução

Embora a “braveza” dos professores do Fundamental II logo se revele um mito, o maior número deles traz efeitos reais para os alunos. As disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia, antes ministradas por uma só professora, agora têm cada uma o seu profissional responsável. E isso, segundo Júlia Figueiredo, do 6º A, traz mais deveres para a turma: “Quando a professora era a mesma, se ela já tinha passado lição de História, ela passava uma lição menor de Matemática; com professores diferentes, acabamos tendo mais lições”, diz a aluna.

Mais lições, por sua vez, significam menos tempo para estudar para provas – ou, para ser mais exato, a necessidade de melhor administração do tempo, como explica Ana Luiza Cavagioni, colega de Mateus Costa no 6º D. “Antes, a professora não dava lição quando tinha prova, para a gente poder estudar. Agora, temos lição junto com a prova”, diz a aluna, que teve de largar o hábito de estudar um dia antes dos exames. “Um

Ana Luiza Cavagioni e Kauê Stang, 6º D: o VitalNet como importante apoio.

três semanas antes eu começo”. (Já Mateus nota que lições e estudos não são excludentes: “Fazer a lição de casa já é uma ajuda no estudo”, diz o aluno.)

Fato é que alunos do 6º ano percebem que estudar todo dia e entregar lições no prazo exige maior rigor no uso da agenda e no estabelecimento de uma rotina – mas logo descobrem que não é tão complicado assim. Até porque o Vital os ajuda nisso. Desde o 5º ano do Fundamental, os professores e, quando necessário, a Coordenação ajudam cada aluno a elaborar um cronograma semanal de estudos, conciliando com suas atividades pessoais. Quanto à entrega de lições e trabalhos, no terceiro trimestre do 5º ano, os alunos aprendem a acessar o sistema VitalNet, no qual ficam registrados todos os compromissos de cada turma, para que não percam nenhum prazo (até então, o sistema é mais utilizado pelos pais). “Eu sempre verifico no VitalNet; mesmo que eu esqueça de anotar na agenda, [a lição] está lá”, diz Ana Luiza.

O que anotar ou não na aula, aliás, é outra questão que marca os alunos do 6º ano. “A professora avisa quando a gente tem que copiar uma coisa da lousa”, diz Júlia Figueiredo. “Mas, às vezes, tem coisa que ela fala e não escreve, mas que é importante. É a gente que tem que tomar a iniciativa de anotar no caderno”. Luana Ramirez também relata uma diferença sentida no uso do caderno: “As professoras escrevem mais [na lousa] do que no ano passado, e eu tinha medo de não dar tempo de copiar tudo e ficar sem a matéria. No começo, era um pouco difícil, meio na pressa... Mas agora eu anoto tudo e, em casa, passo a limpo”. O que, no fundo, é uma estratégia de revisão de conteúdos.

E aí é que está uma das chaves da adaptação ao Fundamental II: perceber que cada desafio traz em si sua própria



Júlia, Luana e Gabriela Gil, do 6º B.

solução. É perceptível por todos os alunos, por exemplo, como o professor de 6º ano passa a esperar deles mais maturidade, sem lhes pedir. Ele pede menos à turma que não converse na aula e preste atenção – às vezes, um olhar basta. Mas os alunos também sabem que, se não fizerem isso, haverá prejuízos. “Hoje, em um dia só você recebe muito mais conteúdo do que antes”, diz Ana Luiza. “Tanto que faltar um ou dois dias faz muita diferença”. É, portanto, sem grande dor que os alunos passam a agir na transição do 5º para o 6º ano com maior responsabilidade em sua rotina de estudantes: porque eles mesmos sentem necessidade disso, e porque não é difícil. Como diria Mateus Costa, existe, sim, uma espécie de salto entre o 5º e o 6º ano – mas não é assim um saalto.

## Crescendo aos poucos

Mudanças graduais para facilitar a transição entre Fundamental I e II.

	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º
<b>Professores</b>	1 regente (4 disciplinas.) + 6 especialistas		1 regente (5 disciplinas) + 6 especialistas		10	11	12	13
<b>Mobiliário</b>	Mesas e cadeiras				Carteiras universitárias			
<b>Aulas no laboratório</b>	Ocasionalmente, de acordo com o trabalho pedagógico.			1x por mês.	1x por quinzena, com uso de jaleco (equipamentos de segurança sempre que necessário).			
<b>VitalNet</b>	Uso quase exclusivo dos pais (para acompanhamento de atividades e tarefas dos filhos).			A partir do 3º trimestre, incentivo para que alunos passem a consultar o sistema por conta própria.	Uso intensificado, como agenda, repositório de exercícios e material de referência para estudos ( <i>links</i> , textos, vídeos).			
<b>Material impresso</b>	Papel branco, impressão só frente, letras grandes e maior espaçamento entre linhas (mais confortável para a idade).			A partir do 2º trimestre, papel reciclado e impressão frente e verso nas atividades; no 3º trimestre, também nas avaliações.	Papel reciclado, impressão frente e verso, letras e espaçamento entre linhas menores.			
<b>Uso da caneta</b>	Não se usa caneta.		No início do ano, alunos passam a usar caneta na agenda; no 2º semestre, também nos cadernos.	Caneta nos registros diários (agenda e cadernos); no 3º trimestre, também nas avaliações.	Tudo com caneta.			



Júlia Figueiredo, 6º A, e Luana Ramirez, 6º C: aprendendo a assistir a aulas com mais autonomia.



# O noticiário na sala de aula

Como os professores ajudam o aluno a se informar e a se engajar em debates em tempos de pós-verdade.

Em 2016, o *Dicionário Oxford* elegeu o termo “pós-verdade” como a “palavra do ano”, título concedido a vocábulos que refletem o espírito de seu tempo. Meses depois, o presidente dos Estados Unidos inaugurava o hábito de acusar toda notícia negativa à sua administração como falsa, popularizando um termo – *fake news* – de impacto cultural ainda maior. Num contexto em que fatos se tornam menos influentes para a opinião pública do que apelos emocionais; ou, pior, em que a própria definição de “fato” é posta em xeque, saber o que ocorre no mundo e tomar posições com base em uma visão objetiva e crítica da realidade revela-se tarefa nada simples. Tarefa que alunos do Ensino Médio, frequentemente cobrados a responder ou dissertar sobre questões da atualidade, precisam estar preparados para cumprir. Como os professores do Vital podem ajudá-los nisso?

Para o professor de Geografia e Sociologia Fernando Ribeiro, a primeira coisa a fazer é desconstruir a ideia que se costuma ter sobre o tratamento dado às chamadas “atualidades” no currículo escolar. “Fala-se em ‘atu-

alidades’ como se a gente abrisse um jornal e dissesse: vamos falar sobre isso hoje”, diz Fernando. “Mas não é o jornal que vai fundamentar a aula de Geografia; é a aula de Geografia que vai fundamentar a leitura da realidade”. Segundo o professor, o compromisso da escola é com o programa das diversas disciplinas que oferecem conceitos essenciais para o entendimento do mundo. Não se pode discutir a saída do Reino Unido da União Europeia, ele argumenta, sem compreender, antes, fundamentos econômicos, políticos e demográficos.

Muitas vezes, acredita Fernando, é o desconhecimento de conceitos básicos o que ajuda a promover notícias falsas. Em abril, lembra o professor, um boato de que este seria o inverno mais rigoroso dos últimos 100 anos ganhou força, mesmo sem qualquer declaração oficial de órgãos de meteorologia. O clima ligeiramente mais frio do que no ano anterior foi o bastante para tornar crível a previsão extrema – exceto para quem, diz Fernando, já havia aprendido na escola sobre o fenômeno La Niña.

O professor não defende, é claro, que a escola seja desligada da realidade contemporânea. Especialmente

no seu caso. “Na Geografia, você se recicla o tempo todo. Eu, por exemplo, já cheguei a dar aulas sobre a China dizendo que o país era a oitava economia mundial”, diz ele (hoje, é a segunda). No entanto, insiste, é com cuidado que o professor deve trazer os acontecimentos correntes para a sala de aula. “Se um aluno me pergunta algo sobre Trump, preciso abordar vários conceitos para chegar ao que são os Estados Unidos na geopolítica atual”.

Para Tiago Gomes, que dá aulas de Produção de Texto do 9º ano do Fundamental à 3ª série do Médio, o próprio professor precisa de tempo para tratar de assuntos em pauta no noticiário. “Ao nos depararmos com temas novos, temos todo um processo de preparação que envolve pesquisa e seleção de textos e autores adequados para usar em sala de aula”, diz Tiago. Como exemplo, ele cita o desabamento do Edifício Wilton Paes de Almeida, no Largo do Paissandu, em maio deste ano. “Eu preciso pesquisar sobre déficit habitacional, sobre a história das imigrações e da formação urbana de São Paulo, antes de propor isso como tema de redação”.

## Tempo para reflexão

Pesquisar, selecionar fontes, refletir, tudo isso leva tempo. E tempo, segundo o professor de História Márcio Raimundo dos Anjos, é algo em falta. Para Márcio – mais conhecido como Cazé desde os anos 1990 pela semelhança com um ex-apresentador da MTV –, o mundo atual promove um ambiente de urgência, em que as informações circulam frenéticas, sendo lidas e compartilhadas sem critério. “Para nos vacinarmos contra informações falsas, é preciso um *timing* diferente. A escola deve promover esse *timing*, produzir uma cultura de reflexão e discernimento”, diz o professor.

Discernimento e também visão crítica, outro atributo escasso no debate público. Trata-se não apenas da capacidade de distinguir o que é ou não fato, mas também de avaliar as diversas interpretações possíveis dos fatos – que não se encaixam em categorias de falso ou verdadeiro – de forma objetiva e distanciada. Objetividade que, segundo Cazé, não exclui, pelo contrário, alimenta a criticidade. “Existem argumentos bons em toda estrutura de pensamento, mas nenhuma estrutura é suficiente para dar conta da totalidade que é o mundo. E é porque há insuficiências que se desenvolvem pensamentos diferentes. O que um discurso não consegue atender, o outro atende”. Para Cazé, “a objetividade está no entendimento das proposições; a criticidade está na percepção dos limites de cada uma”.

Assim, segundo o professor, seu papel em sala de aula não é manifestar suas inclinações pessoais, mas apresentar aos alunos as diversas possibilidades de en-

tendimento de mundo, fazendo jus a elas. “Quando falo do Liberalismo, sou liberal. Mostro a lógica que estrutura o pensamento liberal e que se reflete na proposição de um Estado mínimo”, diz ele. “E, quando eu apresentar um discurso mais conservador, mostrarei a lógica desse discurso”.

Ao solicitar redações dos alunos, Tiago Gomes também evita se posicionar politicamente. “Preciso que o aluno exercite a argumentação a partir de seu olhar de mundo, e me preocupa que ele diga aquilo que ache que eu quero ouvir”, diz o professor. É pela mesma razão que o professor de Filosofia José Carlos Demarchi afirma: “Se eu pedir a opinião do aluno, eu não vou discordar dele e pronto; eu quero que ele fundamente sua opinião, não fique no ‘eu acho’”.

É esse exercício de construção de argumentos – baseados em conhecimento, formulados com método e racionalidade – a melhor maneira que a escola tem de ajudar os alunos a se informar e a se engajar em debates sobre a realidade. E a tomar posição, sem que isso anule sua capacidade de julgamento. Como diz o professor Fernando: “Temos 16 milhões de brasileiros abaixo da linha da pobreza. Mas posso falar que o Brasil só tem 8% de sua população abaixo da linha da pobreza. Os dois números são fatos; a leitura vai depender de cada um”.

1 Em vez de aulas de “atualidades” como conteúdos independentes, os professores devem ensinar os fundamentos de suas disciplinas, que ajudam o aluno na leitura da realidade.

2 A escola deve promover um *timing* oposto ao do mundo moderno, em que a análise de fatos e linhas de pensamento seja feita com cuidado, discernimento e visão crítica.

3 A objetividade está no entendimento das diferentes visões de mundo; a criticidade está na percepção dos limites de cada uma.



1 Aluno do Pré I escalando o alambrado: explorando os espaços do Colégio e as habilidades do corpo.

2 Aluno do 4º ano em chute a gol: exercitando fundamentos esportivos.



3 Turma do 6º ano em aula com a professora Larissa: a parte teórica da Educação Física.

4 Aluna do 7º ano do Fundamental no arco e flecha: modalidades diversas para enriquecer repertório motor e cultural.



5 Turma do 9º ano em partida mista de handebol: o esporte também como meio de socialização.

## Segundas intenções

Competências socioemocionais, conhecimento e cultura: a Educação Física que mira além do desempenho esportivo.

**Pergunte a qualquer um dos professores de Educação Física do Vital**, e todos dirão o mesmo: o objetivo do Colégio não é formar nenhum craque, nenhum ás neste ou naquele esporte. Claro que eles gostarão de ver um aluno fazendo um gol, um passe bem-feito, uma bela manobra no *skate*, um disparo preciso da flecha no alvo. A qualquer ponto ou vitória obtida, eles vibrarão junto.

Mas técnica e rendimento não são as prioridades do projeto pedagógico. Antes de serem um fim em si mesmas, as atividades propostas pelos professores de Educação Física são um meio. De promoção de habilidades motoras, sim, mas também de habilidades cognitivas e socioemocionais – como resolução de desafios, estabilidade emocional, autonomia e cooperação –, bem como um meio de acesso a conhecimentos e culturas diversos, além de fonte de simples e puro prazer. Da primeira brincadeira de chutar bola no Maternal a um circuito de *parkour* no Ensino Médio, as verdadeiras intenções dos professores do Vital vão além das atividades em si.

“O que a gente busca é que o aluno tenha o maior número de experiências motoras”, diz o professor de Educação Física Fábio Oliani, que dá aulas em dupla com a professora Larissa Wosniak no Ensino Fundamental II e no Médio. “Não é formar atletas, é aumentar acervo motor”. Em síntese, esse cuidado com a variedade de vivências e movimentos é fio condutor do trabalho de toda a equipe de Educação Física, por meio do qual outras expectativas

de aprendizagem são alcançadas. A começar pelas aulas do professor Wal Giglio, responsável pela Educação Infantil e pelo 2º ano da manhã.

Segundo Wal, os jogos e brincadeiras implementados do Maternal em diante seguem uma sequência pedagógica que respeita o desenvolvimento da criança, que vai aprendendo a executar e a combinar movimentos progressivamente mais complexos. “Na natação, por exemplo, esperamos que alunos de Maternal e Pré I coloquem o rosto na água e façam bolhinhas pelo nariz; de Pré II, que tenham fluabilidade de frente e de costas; de 1º ano, que saibam flutuar, bater perna e rodar os braços”.

No processo, diz o professor, os alunos exploram os espaços do Colégio de forma lúdica – não apenas a piscina, mas o pátio, o bosque, a quadra, o parquinho, até o alambrado que divide os dois. “É a brincadeira do Homem-Aranha; faço eles subirem no alambrado para terem essa vivência da ‘pegada’”, diz Wal. “Hoje em dia, criança não sobe mais em árvore; precisa ver a alegria deles”. Parece simples, mas saber agarrar, escalar, correr, chutar, sobrepor obstáculos, rolar – até mesmo saber cair – são habilidades que servirão de fundamentos para a criança por toda a vida.

### Autonomia e cooperação

Avançando para o Pré II e o 1º ano, as brincadeiras buscam enfatizar competências psicomotoras, como equilíbrio

e lateralidade, essenciais para a aquisição da escrita e da leitura (trabalho feito em alinhamento com as professoras regentes e o professor de Psicomotricidade – *v. matéria na pág. 4*). Até que, por volta do 2º ano, o foco nos jogos em equipes vai se acentuando. É o momento, segundo o professor Fausto Camargo, responsável pelo 2º ano da tarde e pelo 3º e 4º anos, em que a criança começa a sair da fase egocêntrica e a trabalhar em equipe. Essa não é a única habilidade socioemocional que os jogos promovem.

Em partidas de queimada, pique-bandeira ou jogos afins, os alunos precisam criar estratégias e se comunicar com os companheiros de time. Precisam também, e isso é novo para eles, lidar com a frustração da derrota. Antes dessa idade, a maioria ainda nem sabe exatamente como ou por que perdeu – o que remete a outro aprendizado importante: o do entendimento de regras. “No 2º ano, a gente senta com eles, explica regra por regra. Por volta do 3º, 4º ano, nós só precisamos fazer simples intervenções; eles já estão praticamente autônomos”, diz Fausto Camargo.

E autônomos é como se espera que eles cheguem para o professor Almir de Oliveira, do 5º ano. É quando a Educação Física passa a explorar modalidades esportivas clássicas, como basquete, futsal, handebol, vôlei e atletismo (a natação, desde o Maternal, é exceção). É com o professor Almir que os alunos aprendem formalmente as regras, nomenclaturas e práticas desses esportes, mas, idealmente, eles já chegam ao 5º tendo exercitado diversos fundamentos – chutes, lançamentos, arremessos, recepções, etc. – nos jogos e brincadeiras dos anos anteriores.

### Teoria e prática

Até aqui, o aluno é avaliado em três aspectos: atitudinal (seu comportamento em aula), conceitual (seu entendi-

mento da atividade) e procedimental (seu desempenho). Quanto ao último item, os professores ressaltam: nenhum aluno é avaliado em comparação à *performance* de outro, mas ao seu próprio histórico. “Mesmo o aluno menos habilidoso está lá se esforçando, melhorando o seu desempenho, evoluindo”, diz Wal.

A partir do 6º ano, um novo elemento é acrescentado à Educação Física: aulas teóricas. Segundo a professora Larissa, 20% do programa passa a consistir em aulas em classe – assim como 20% da avaliação contínua virá de testes escritos –, sobre temas que vão do aparelho locomotor, no 6º ano, a conteúdos bastante avançados, como biomecânica ou teoria do treino de força, na 2ª série do Médio.

Na verdade, afirma Larissa, toda aula sua começa em sala, onde a professora dedica alguns minutos para contextualizar, na lousa ou com recursos audiovisuais, a atividade a ser praticada. Em uma aula de arco e flecha, por exemplo, os alunos assistem a vídeos sobre instrumentos pré-históricos de caça e costumes indígenas; já aulas dedicadas a danças – como o samba rock ou o coco – são oportunidades de aprender sobre as culturas da periferia paulistana e do nordeste brasileiro.

Ao longo de todo o percurso do Maternal ao Médio, chama a atenção a variedade de esportes, jogos e brincadeiras promovidos pelo Vital nas aulas de Educação Física: *parkour*, *skate*, arco e flecha, bocha, taco, danças; a cada ano, uma nova atividade é incluída. É essa variedade que permite aos professores promover diferentes objetivos – tomada de decisão, autoestima, socialização, equilíbrio, ritmo, etc. – e diferentes conhecimentos – científicos, culturais, sociais. E permite aos alunos que, tendo vivenciado de tudo um pouco, percebam do que são capazes, do que gostam e o que seguirão fazendo em suas vidas.

# Entre robôs e foguetes

Duas ex-alunas exploram seus talentos e interesses em grupos de extensão na Poli-USP.

**Elas são irmãs, assemelham-se fisicamente, cursaram o Ensino Médio no Vital Brazil** e hoje são alunas da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP). Entraram na faculdade no mesmo ano e ambas integram dois badalados grupos de extensão da Poli. Nesse ponto, terminam as semelhanças entre as irmãs Figueiredo: Shériida, 20 anos, aluna de Engenharia de Minas, é do mundo dos robôs; Shairah, 19 anos, do curso de Engenharia Civil, vive às voltas com foguetes.

Para quem acaba de chegar à universidade, grupos de extensão são uma boa alternativa para socializar com estudantes além da própria turma. Mas não é só. Dedicados geralmente a um tema e sob a supervisão de um professor, esses grupos acabam funcionando como um curso dentro do curso, dando ao aluno a chance de experimentar na prática aquilo que aprende em sala de aula, de ampliar seu repertório de conhecimentos, além da oportunidade de exercitar habilidades que lhe serão úteis no mercado de trabalho, como espírito de grupo, trabalho compartilhado e liderança.

Shairah sempre gostou de Astronomia. Antes de passar no vestibular, a jovem já havia assistido a diversas palestras do astronauta Marcos Pontes – até hoje o único brasileiro a participar de uma missão espacial – e, no Vital, ano após ano, era presença cativa nas aulas de Astronomia do professor de Física Marcelo Barão. Natural, portanto, que, uma vez aprovada na Poli, sua atenção fosse capturada pelo Projeto Júpiter. Formado por 73 alunos da USP, o grupo se dedica a construir e a lançar foguetes experimentais, participando de competições do gênero no Brasil e no exterior.

Os artefatos construídos pelo Projeto Júpiter são modelos em escala de foguetes que levam satélites e astro-



As irmãs Shairah e Shériida Figueiredo: construindo robôs e foguetes para avançar no conhecimento.



nautas ao espaço. E seu desenvolvimento segue uma divisão de trabalho bem parecida com a dos primos da Nasa: há o grupo que cuida da propulsão, outro dedicado à aerodinâmica, outro da recuperação e outro dos sistemas eletrônicos. Shairah é do primeiro time. “Não fazemos motores, porque o impulso do foguete se dá pela queima de combustível. O que definimos é a mistura que compõe o combustível”, explica.

Já Shériida faz parte dos ThundeRatz, equipe de robótica da Poli. A opção pelos robôs foi uma maneira de seguir próxima à Mecatrônica, sua primeira opção ao prestar o vestibular. Os ThundeRatz existem desde 2005 e têm no currículo dezenas de projetos e títulos em competições aqui e lá fora. Atualmente, mantêm cerca de 20 robôs em atividade e chegam a participar de um torneio por mês. O Boladinho, por exemplo, projeto de humanoide, foi campeão no ano passado, no Japão, na categoria Kung-Fu Peso Leve. “Quem vê de fora pode achar que é brincadeira, mas tem muito conhecimento acumulado nesses projetos”, diz Shériida.